

## Portugal e o Museu de South Kensington: A “Prodigiosa Galeria”

*Paulo de Oliveira Ramos*  
Universidade Aberta / Instituto  
de História da Arte,  
FCSH/UNL

### Introdução

**A**lguns dos autores dos escritos reunidos neste artigo, entre os quais se encontram cientistas reconhecidos, professores distintos e escritores de grande mérito, foram verdadeiros viajantes em frequentes deslocações pela Europa, relativamente facilitadas, a partir de meados dos anos 1860, pelas ligações ferroviárias – com as locomotivas, disse um deles, “perpassando umas pelas outras com a rapidez de relâmpagos e soltando silvos estridentes”. (Guimarães, 1869: 265) – nomeadamente para assistirem às exposições internacionais que, após a *Great Exhibition* de Londres de 1851 começaram a realizar-se com relativa frequência.

Do que viram redigiram obras de diversos géneros – livros de viagens, textos programáticos, obra panfletária, estudos artísticos e históricos. Neles, os seus autores, como adiante ficará claro, apreciaram entendidamente os desafios e os méritos do museu de South Kensington e sobre isso escreveram coisas como esta: “o grande estabelecimento de Londres (...) provocou a mais fecunda, e a mais gloriosa reforma que a historia regista no domínio do ensino artistico-industrial”; (Vasconcelos, 1889: 8) e também isto: “o museu de Kensington é o unico da sua especie pela riqueza e pelas raridades de arte, de archeologia, de joias, de armas, de moveis, de moedas, e

de productos, que encerra” (Benalcanfôr, 1874: 19) e, ainda, como em *O Instituto* se estampou há mais de cento e cinquenta longos anos “Aquelle Museu (...) em harmonia com o fim da instituição a que pertence, tende a ser uma exposição permanente de tudo a que a arte e industria humana vae produzindo”. (Sousa, 1862: 31)

Se preciso fosse sumariar a posição destes intellectuais portuguezes sobre o museu de South Kensington, nada melhor do que dar a palavra ao escritor Ramalho Ortigão que em 1887 o designou, muito acertadamente, como a “prodigiosa galeria”. (Ortigão, 1887: 121)

## 1. Razões da Criação do Museu de South Kensington

Passagens de uma interessante raridade bibliográfica intitulada *Descrição da Exposição Universal em Londres*, que se apresentou como um guia para os visitantes de língua portuguesa da que foi, em 1851, a primeira exposição universal, mostram, claramente, as razões que levariam à criação do museu de South Kensington.

Lê-se nesse livrinho a propósito das Manufacturas de Seda da Secção Britânica presentes na *Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations*:

(...) é este um dos productos, em que a bem reconhecida reputação dos nossos vizinhos, os francezes, nos expõe a um exame muito mais sevéro. (...) esta exposição deve ter uma tendencia fatal; e que deve mostrar-nos inevitavelmente a pobreza das nossas producções, especialmente do ponto de vista artístico. (*Descrição...*, 1851: 39)

E, mais à frente, sobre as obras de Escultura da mesma Secção Britânica:

Do que já dissemos n’outra occasião a respeito desta secção, e do que hoje podemos dizer, deprehende-se que nos não enganámos na opinião que emitimos acerca das nossas obras de esculptura, que foram mandadas ao palacio de cristal. Não lhes póde ser favoravel a comparação que se faça com as obras do mesmo genero de outras nações. Pelo contrario, o ultimo e cuidadoso exame que fizemos, confirmou as nossas conclusões pouco

satisfactorias, e convence-nos que a causa da nossa inferioridade está mais profundamente arraigada do que geralmente imaginam os artistas e os seus admiradores. (*Descrição...*, 1851: 44-45)

Atentemos, agora, no primeiro testemunho luso que recolhemos. Devido a Jacinto António de Sousa, Professor de Física da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra e director do seu Observatório Meteorológico entre 1865 e 1880, o excerto que se segue faz parte de um interessante *Relatorio da Visita aos Estabelecimentos Scientificos de Madrid, Paris, Bruxellas, Londres, Greenwich e Kew*, publicado em separata por aquela universidade em 1862.<sup>1</sup>

O Museu de South-Kensington é um estabelecimento moderno, destinado principalmente á educação artistica das classes industriaes. Foi a exposição universal de 1851 que lhe deu origem. A falta de elegancia e bom gôsto que notou o público, nos artefactos inglezes comparados com os do continente, ainda que inferiores áquelles a muitos outros respeitos... (Sousa, 1862: 29-30)

Dez anos passados, Francisco da Fonseca Benevides, Professor de Física e de Hidrografia no Instituto Industrial de Lisboa, afirmou:

Dos modernos estabelecimentos scientificos e industriaes um dos mais notaveis é o museu de Kensington (Science and art department), em Londres, fundado em 1851 (...).

Foi principalmente depois da exposição universal de Londres de 1851, que em Inglaterra se desenvolveu extraordinariamente o ensino industrial; tendo a exposição mostrado que um dos elementos da prosperidade da industria em França era a habilidade e os gosto dos seus industriaes nas artes de desenho, a sua rival não hesitou em fundar escolas industriaes, e principalmente de desenho, por todo o Reino Unido, e as ultteriores exposições bem mostraram os progressos realizados com o desenvolvimento do ensino industrial em Inglaterra. (Benevides, 1872 *apud* Custódio, 1991: 33-34)

---

1. Publicado originalmente em *O Instituto*.

Nos anos seguintes, o Marquês de Sousa Holstein, vice-inspector da Academia Real das Belas-Artes de Lisboa, de novo Francisco da Fonseca Benevides mas também Joaquim de Vasconcelos confirmaram com diferentes palavras as mesmas ideias. Escreveu o primeiro, em 1875, nas suas *Observações Sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal, a Organização dos Museus e o Serviço de Monumentos Historicos e da Archeologia*:

São de sobejo conhecidos os esforços e sacrificios feitos pela Inglaterra ha mais de vinte annos para ministrar aos seus operários conhecimentos do desenho, desde que em 1851 se tornou patente a sua inferioridade n'este ponto em relação á França. (Holstein, 1875: 13)

Em 1879, o historiador, crítico de arte e museólogo Joaquim de Vasconcelos, de quem se disse ser “homem de segura illustração, estudiosíssimo, energico e notavelmente laborioso, tendo dedicado toda a sua vida publica ao derramamento da instrucção”,<sup>2</sup> lembrou que

(...) em 1851, tinha lugar a exposição internacional de Londres; a Inglaterra recebeu n'esse concurso mais de uma lição amarga; a sua influencia política, o seu poder monetário, não a salvaram de um revez; a sua potencia industrial, no domínio da machina, serviu apenas para expor a todas as vistas a sua impotencia na applicação dos processos que dão á obra o cunho do génio do homem (...).

Os relatorios dos commissários régios da Exposição de 1851, tinham exposto, com toda a franqueza, a situação das classes industriaes e a sua insufficientissima educação. (Vasconcelos, 1879: 1-3)

Francisco da Fonseca Benevides, mais tarde, escreveu num *Relatorio Sobre Alguns Estabelecimentos de Instrucção e Escolas de Desenho Industrial em Italia, Allemanha e França e na Exposição de Turim de 1884*:<sup>3</sup>

---

2. *Maria da Fonte*, 6 de abril de 1886: 168 (citado por Leandro, 2014: 25).

3. *Esposizione Generale Italiana*, Torino 1884.

Em 1851 verificou-se em Londres a primeira exposição universal. A Gran-Bretanha, que tão brilhante papel ali representou nas galerias das machinas e outras industrias, patenteou por outro lado extraordinária fraqueza no ramo das artes dependentes do desenho. Era então a França que, neste ponto, ocupava o primeiro lugar. Os relatórios dos comissários ingleses da exposição com toda a franqueza pozeram a publico a inferioridade do seu paiz n'este assumpto. Um grito de alarme, por vezes exagerado, se repercutiu pelas diversas regiões da Gran Bretanha. (Benevides, 1884: 5)

Ramalho Ortigão ao publicar *John Bull. Depoimento de uma Testemunha Acerca de Alguns Aspectos da Vida e da Civilização Ingleza* dedicou todo o capítulo VI ao museu de South Kensington, ou seja, quarenta e quatro páginas na sua primeira edição de 1887. Esse texto – sem dúvida o mais longo dos agora recolhidos sobre o museu de South Kensington – é uma peça de grande interesse. Lá se lê:

Por ocasião da exposição universal celebrada em Londres no anno de 1851, evidenciou-se que as industrias inglezas de character artistico estavam longe de poder competir não só com as da França, mas com as da Itália, da Suissa, da Belgica. A critica ingleza foi a primeira a reconhecer o revez e a investigar as causas da inferioridade da Inglaterra entre as nações artisticas. Este problema commoveu tão profundamente a opinião publica como se se tratasse duma amputação na integridade do sólo ou nas franquias da Magna Charta.

Apontou-se geralmente como causa principal da esterilidade inventiva dos industriaes inglezes a deficiencia da educação publica nas artes do desenho. (Ortigão, 1887: 114)

Em 1851, ainda no ano da exposição universal, Ramalho garante que estavam lançadas as bases para a reorganização do ensino artístico em Inglaterra. Evocou, assim, essa nova situação:

1.º Creação de escolas elementares de desenho para o fim de completar a educação nacional com a instrução artistica indispensável a todo o cidadão inglez.

2.º Habilitação dum vasto corpo profissional para a regencia das escolas d'arte applicada, e immediata fundação d'estas em numero proporcionado ás necessidades do paiz.

3.º Educação geral das faculdades artisticas da Inglaterra por meio de museus publicos em que cada um possa de dia e de noite comparar productos, e formar o discernimento e o gosto.

Em junho do anno seguinte (1852) inaugurava-se em Westminster com a mais pomposa solemnidade a primeira escóla elementar de desenho.

Em 1853 achava-se estabelecido o museu de Kensington, seminário central, foco pedagogico de que irradia toda a educação elementar artistica da Grã-Bretanha. (Ortigão, 1887: 115-117)

Avelino da Silva Guimarães, escritor e jornalista, escreveria na *Revista de Guimarães* em 1892:

Em 1851 houve a grande exposição universal de Londres, a que a França concorreu: os inglezes empallideceram de face ao grande progresso industrial das nações continentais, especialmente da França. Refeitos do seu assombro, os inglezes procuraram com o máximo ardor no alargamento de variadissimas instituições de instrucção o unico meio de reconquistarem a sua posição eminente na industria europeia. (Guimarães, 1892: 28-29)

Oliveira Martins foi o autor de *A Inglaterra de Hoje (Cartas de um Viajante)*, obra publicada em livro em 1893 para "dar uma impressão sintética do estado actual de uma das três, ou quatro, grandes nações do mundo". (Martins, 1893: 7) Aí, depois de nos dar conta de ter percorrido "as salas infinitas" (Martins, 1893: 84) do British Museum, referiu-se ao museu de South Kensington:

Não podendo attingir os altos cumes do pensamento e da arte, os inglezes, porém, com a sua, incomparavel riqueza, com a sua seriedade veneravel, com a energia decidida que põem em tudo quanto querem, reconhecendo a que abysmos deploraveis o gosto descera na primeira metade do seculo, decidiram-se a renovar as formas estheticas da construcção, da mobilia, do vestuario, dos utensilios. Nasceu d'este movimento o museu de *South Kensington*, incomparável collecção de tudo quanto a arte industrial em todo o mundo, em todos os tempos, tem produzido notavel, ou característico. (Martins, 1893: 88-89)

## 2. Os Espaços, as Coleções e Algo Sobre os Públicos

Em 1869, Ricardo Guimarães, um “admirável narrador de viagens”,<sup>4</sup> declarou no seu livro *Impressões de Viagem. Cadiz, Gibraltar, Pariz e Londres* sobre as obras que vira erguer na capital de Inglaterra e do Reino Unido:

Não contente com as maravilhas do palacio de crystal, a inciativa dos cidadãos, pouco antes da minha chegada a Londres, acabava de lançar os fundamentos d’um edificio monstruoso, que se ha-de chamar o muzeu de South-Kensington.

A construcção do novo colosso e stá orçada aproximadamente em dois mil e quinhentos contos de reis, quantia que oito dias bastaram para realizar entre os subscriptores!

É uma espécie de camaleão o immenso edificio pelos fins múltiplos a que ha-de ser dedicado. Um dia ha-de dizer-se: “vou ao theatro de South-Kensington”; dir-se-ha outro dia: “vou vêro muzeu das artes e sciencias”; ainda outro se poderá dizer: “vou visitar o muzeu do Principe Alberto”. (Guimarães, 1869: 268-269)

Cinco anos passados, o mesmo autor, agora assinando com o seu título de Viscondede Benalcanfôr, pronunciou-se sobre a construção de South Kensington colocando-se enfaticamente do lado da iniciativa privada.<sup>5</sup>

Kensington, edificado á custa de uns poucos de milhares de libras esterlinas, é mais uma prova d’aquella iniciativa particular tão enérgica como fecunda, que faz da Inglaterra uma nação perfeitamente excepcional em tudo o que respeita ás relações do poder com os cidadãos. (Benalcanfôr, 1874: 21)

- 
4. Prefácio de Pinheiro Chagas (Benalcanfôr, 1876: X). Curiosa a definição que o próprio visconde dá de viajante: “Mas o que é o viajante, senão um beduíno vagabundo, cuja tenda se crava hoje em Madrid, amanhã em Pariz, no dia seguinte em Londres, e no outro sabe Deus aonde?”. (Benalcanfôr, 1876: 248)
  5. Este autor teve igual postura sobre a construção do metro de Londres: “A iniciativa particular emprehendeu a viação subterranea de Londres, levou-a a cabo, e já medita rasgar novo caminho de ferro, que em alguns pontos terá de cruzar por baixo do actual! E a todos estes trabalhos o governo inglez foi e é completamente estranho pela ausência de quaesquer privilégios, ou subsidios!”. (Benalcanfôr, 1874: 265)

Vamos neste momento entrar no domínio em que três dos nossos autores mostraram mais minúcia e que na história de um museu interessa acima de todos: o das colecções em si. Podemos ter uma ideia da riqueza do museu de South Kensington baseando-nos em Fialho de Almeida que a quantificaria na sua obra *Os Gatos* publicada em folhetins a partir de Agosto de 1889:

Para se imaginar o que esse *South-Kensington* seja, bastará dizer que elle contem para mais de trinta milhões d'objectos d'arte, authenticos e ineditos, de todas as epochas, generos, paizes e destinos; e um numero ainda maior de livros, estampas e manuscriptos, catalogados com methodo; e outros tantos milhões de modelos d'arte industrial. (Almeida, 1889: 51)

Consideremos agora o texto de Jacinto António de Sousa, escrito em 1862, que nos elucida com bastante detalhe sobre as distintas colecções do museu:

Percorrendo os differentes salões d'aquelle importante estabelecimento, encontra-se um museu d'architectura contendo modelos d'edificios antigos e modernos, e das suas differentes partes – solhos, muralhas, tectos, abobadas, ornatos de marmore, de ferro, de madeira, pinturas muraes, vidros pintados, etc.; modelos de mobília, vasos, armações, mesas, leitos, etc.; espelhos, porcellanas, baixella de prata, rendas, tecidos da India e da China. São também notaveis as collecções de gravuras de madeira e em metal, desenhos, estampas, etc., classificadas pela ordem chronologica e destinadas a mostrar os progressos da arte.

Em um grande salão de tecto de crystal, denominado museu de educação, estão expostos muitos milhares d'objectos relativos á pedagogia e ao ensino das sciencias, como são livros, planos d'aulas, desenhos de aparelhos chimicos e physicos, cartas geográficas e geológicas, telescopios, aparelhos photographicos, collecções mineralogicas, preparações anatomicas, etc. Os objectos d'esta repartição estão classificados segundo as sciencias a que pertencem, e cada um tem o seu grupo. Foi alli que vi uns modelos de formas crystallinas feitos de lâminas de vidro e com fios interiores, mostrando os eixos, etc., para facilitar o estudo da crystallographia.

O salão das patentes encerra centenares de volumes, onde se mencionam todas as patentes concedidas, desde 1617 até o presente, e muitos modelos destinados a mostrar os progressos de todas as invenções importantes.

Alli se vê o modelo da máchina inventada por Symington em 1588, e os de todas as máquinas de vapor applicadas á navegação até ao das rodas do *Leviathan*.

Uma galeria muito curiosa é a que se denomina museu economico dividido em oito secções, onde se mostram differentes alimentos animaes e vegetaes, preparações culinarias, etc.; côres e objectos d'onde se extrahem; subatancias córneas, objectos fabricados com ellas, assim como os modelos dos instrumentos com que se preparam; substâncias gordas e oleosas, e preparados, como sabões, velas; pennas e suas applicações; lans de toda a especie e suas applicações.

Duas galerias e muitas salas são consagradas ás bellas artes e á exposição da esculptura e da pintura ingleza. Todos os artistas e constructores são convidados a expor alli os seus productos durante um certo tempo, e o público que frequenta o estabelecimento, pôde julgar dos progressos das várias industrias fabris e das bellas artes. Por isso alli estão expostos muitos instrumentos de Physica e de Chimica, varios preparados, etc., com os seus preços e a indicação do productor. (Sousa, 1862: 30-33)

O Visconde de Benalcanfôr, apesar de ter escrito que a “lei da concisão e de brevidade, que assemelha os meus folhetins de viagem a wagoens-expressos, quando correm pela via ferrea com a máxima rapidez, sem se deterem em nenhuma estação”, (Benalcanfôr, 1874: 13) dedicou ao museu de South Kensington dois capítulos no seu livro *Vienna e a Exposição*. Aí dissertou sobre as colecções do museu:

Não é facil imaginar a vastidão do edificio de Kensington, nem a variedade prodigiosa das riquezas archeologicas, que nelle se acham reunidas. Cerca-nos o mundo inteiro, como no palacio de crystal, com as diferentes floras e faunas que o povoam.

Não ha epocha remota da sociedade humana, embora nos tempos da rudeza mais elementar, que ali se não ache representada ou reproduzida, quer nos instrumentos e nos utensilios com que se lavrava a terra, quer nas armas toscas e guerreiras com que as raças primitivas, ainda na infancia do mundo, preludiavam já as agressões e as guerras, que atravez dos séculos teem sido como que o fundo permanente e ensanguentado do grande quadro, em que se estampam os vultos das gerações e das sociedades. (Benalcanfôr, 1874: 14)

E mais adiante:

É curioso vêr como a rainha d'Inglaterra e os nomes mais conhecidos da aristocracia e da classe media oferecem emprestadas as melhores raridades de arqueologia ou da arte, as joias mais preciosas, os vasos e as amphoras do mais aprimorado lavor, os esmaltes e as filigranas mais finas, sómente para que sejam verdadeiramente opulentas e dignas da grandeza da Inglaterra as galerias d'aquelle museu tão vasto, como unico no seu genero. Vasos, armas, móveis, desde os imaginosos e emmaranhados lavores da renascença até ás formas luxuosas mas elegantes do reinado de Luiz XV; a India inglesa com as collecções de typos e de vestuarios dos seus muitos milhões de habitantes, e com as amostras da industria e das producções do solo do seu fertilíssimo continente; os adornos de todas as ephocas, desde o annel rudimentar dos tempos mais afastados até ao broche dos nossos dias; quanto a arqueologia, a architectura, a numismatica, as bellas-artes, e a historia da guerra e do trabalho podem despertar na nossa memoria de homens instruídos, tudo se acha alli colligido, por grupos e por epochas, em exemplares abundantíssimos, para comprar cada um dos quaes seria preciso possuir os haveres de um milionario.

Subindo ás galerias superiores, encontramos novas riquezas de arte e verdadeiras preciosidades, que nos espantam pela sua profusão.

Não se vêem senão joias sem conto de todos os tempos e de todos os estylos, brilhantes de todos os tamanhos, pérolas de todas as grandezas.(...) Lançando os olhos por todo aquelle imenso bazar, onde aparecem as grevas e coxótes das armaduras da idade média, a bota hungara forrada de peles que parece querer dançar aquellas mazurcas ou varsovianas que estiveram na moda no tempo de Kossuth, e o sapato china e japonez com a ponta revirada como a prôa de uma gondola de Veneza, reparei que não havia exemplares de sapatos ingleses, É que são tamanhos que não cabem no museu. (Benalcanfôr, 1874: 15-17)

Encerremos o tema das colecções do museu de South Kensington com Ramalho Ortigão e excertos da sua pormenorizada descrição:

Este monumental estabelecimento comprehende:

1.º Um museu das artes decorativas abrangendo uma preciosa collecção de cerca de 30:000 objectos de arte antiga e de arte moderna desde a idade média até os nossos dias.

2.º Uma vasta galeria de pintura — *National Gallery of British Art*.

3.º Uma bibliotheca especial de livros d'arte, composta de 50 mil volumes, 18 mil desenhos, cerca de 50 mil gravuras e 60 mil photographias.

4.º Uma escola d'artes em que se formam professores e se ensina o desenho, a pintura e a modelagem. (...)

Na collecção de Kensington encontram-se gabinetes francezes da grande época de Versailles e de Trianon; o boudoir completo da marquezia de Serilly, dama de honor de Maria Antoinette, — bronzes de Gouthiere, pinturas de Natoire e de Fragonard, chaminé de Clodion; o grande medalhão com o retrato do rei Renato de Anjou feito por Luca della Robbia para a Loggia dei Pazzi, com mais quarenta ou cincoenta peças do mesmo artista; o bronze Martelli e o Christo no tumulto, de Donatello; o altar-mór da colegiada de Santa Clara em Florença, por Del Tasso; um tabernáculo da igreja de S. Thiago em Fiesole, por Andrea Ferrucci; os famosos desenhos de Raphael feitos por encomenda de Leão X para serem reproduzidos em tapetes d'Arras. (...)

Os monumentos que ainda não foi possível adquirir, figuram em reproduções primorosas, como a da columna de Trajano com as 2:500 figuras dos seus baixos-relevos, representando os episodios da guerra contra os dácios; um canto do claustro de S. João dos Reis em Toledo; a porta da Gloria de S. João de Compostella; uma parte do côro de S. Miguel em Hildesheim, etc.. (Ortigão, 1887: 115-120)

Num passo mais adiante, este autor – que viria a ser presidente do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais e do seu sucessor no Conselho dos Monumentos Nacionais – enunciou a sua admiração pela vastidão das colecções do museu de South Kensington com inegável pertinência:

Teria de encher cem ou duzentas paginas para dar, ainda que pela enumeração mais breve e mais sêcca, uma idéa das preciosidades que se encontram nas diversas secções d'esta prodigiosa galeria. (Ortigão, 1887: 120-121)

Por seu lado, o Visconde de Benalcanfôr lembrou os jovens estudantes de pintura que frequentavam o museu:

Ha dias consagrados ao estudo da pintura, em que a entrada no edificio é mais cara do que nos outros.

Vêm-se sentadas então muitas meninas, e também outras que já o não são, deante dos cavallêtes, absortas na cópia dos quadros e das aguarelas que ou reservam para si, ou destinam para a venda, a qual não pôde fazer-se senão de aguarelas e dos quadros especificados nos respectivos regulamentos.

Encontram-se tambem n'aquelle recinto escolas de ambos os sexos, aonde se professam muitos assuntos d'instrucção, e aonde se ensinam as bellas artes, a musica, e o canto. Abundam igualmente as bibliotecas especiaes, em que se acham todos os livros e tratados indispensáveis para a instrucção da infancia e adultos. (Benalcanfôr, 1874: 19-20)

### 3. Museu Ambulante

Não será de estranhar que cinco dos autores lusos aqui reunidos se tenham referido em sete textos diferentes a uma novidade que encontraram no museu de South Kensington: o *travelling museum*. Na verdade, terá sido em 1850 que "a travelling collection of works of art was established at the Central School of Design at Somerset House, and lent in rotation to the provincial schools".<sup>6</sup> Herdeiro da *Central School of Design*, o museu de South Kensington haveria de desenvolver apreciavelmente aquela admirável iniciativa. E assim

Ministrada a posse d'esse precioso instrumento, não houve recanto da Inglaterra a que não fossem levadas por meio de um museu ambulante as obras d'arte mais escrupulosamente escolhidas para determinar a educação da vista e a formação do gosto. (Ortigão, 1887: 129)

---

6. V&A, *Museum Circulation Department: its history and scope* (v.1950.024) citado em James, 1998: XXV. Ver, ainda, Osborn, 1953: 11.

O Marquês de Sousa Holstein, em Março de 1868, lembrou que:

(...) organizam-se presentemente em Inglaterra aquellas collecções de objectos emprestados, *loan collections*,<sup>7</sup> em que podem ser admirados e estudados importantes objectos de propriedade particular, que sem esta circumstancia nunca poderiam ser vistos; a elle [J. C. Robinson], conjuntamente com outros, se devem tambem os museus circulantes, compostos de objectos pertencentes ao museu de Kensington, e por este emprestados para serem sucessivamente expostos nas principaes cidades. (Holstein, 1868: 23)

Este mesmo autor referir-se-ia, agora nas *Observações Sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal, a Organização dos Museus e o Serviço de Monumentos Historicos e da Archeologia*, a este aspecto particular:

Existe na Inglaterra um costume que seria fácil de aqui [Portugal] introduzir: é a formação de certos museus provisórios a que chamam *circulantes* por serem sucessivamente expostos em diferentes pontos do paiz. (...) Para este fim o museu central de Kensington formou estas collecções dos duplicados que possuía, e tra-las em constantes digressões pelas províncias, dando assim aos operários que não podem vir a Londres ensejo de conhecerem e estudarem o que por outra forma nunca poderiam ver. (Holstein, 1875: 40)

Em 1879, Joaquim de Vasconcelos disse que “o Museu ambulante (*travelling museum*) em visita pelas províncias,<sup>8</sup> e formado dos melhores objectos da collecção central, foi visitado por 735:856 pessoas,

- 
7. Também Ramalho se refere às *loan collections*: “ (...) ha as colecções de emprestimo, *loan collection*, cedidas pelos respectivos proprietarios para serem expostas ao publico temporariamente. Assim tanto em Kensington como na sua succursal de BethnalGreen, teem sucessivamente figurado todas ou quasi todas as grandes galerias particulares da Inglaterra”. (Ortigão, 1887: 123-124)
8. O *Third Report of the Department of Science and Art* referia que o *Circulating Museum* tinha já circulado por “Birmingham, Nottingham, Macclesfield, and Norwich, and has been visited by a large number of persons, amounting to 55,701, of whom 44,949 have paid for admission”. (*Third Report...*, 1856: XIV)

correndo 41 cidades em 16 mezes". (Vasconcelos, 1879: 8)<sup>9</sup> No ano seguinte, Ramalho Ortigão, em texto publicado no jornal *Diário da Manhã* (27 de Janeiro de 1880), retomou o assunto num artigo apropriadamente intitulado "A Reforma do Ensino do Desenho":

O museu ambulante (*travelling museum*) formado dos melhores objectos da colecção central, percorre quarenta e uma cidades da provincia em dezasseis meses. É visitado por 735.856 pessoas. Cobra uma receita de 20.000 libras. Na digressão do museu de terra em terra não se quebrou objecto algum. (Ramalho, 1880: 6)<sup>10</sup>

Fialho de Almeida, falando das colecções do museu, afirmou "que tudo isto faz anualmente a viagem dos grandes centros manufactureiros e estudiosos d'Inglaterra, em series combinadas, que um empregado do museu acompanha, com ordem de prelecionar sobre o destino dos objectos que passeia". (Almeida, 1889: 51-52) Noutro momento lembrou as "viagens circulatorias, como as que o *Kensington* promove atravez as regiões officinaes da Gran-Bretanha" (Almeida, 1889: 68) enquanto Oliveira Martins mencionou também esses "museus" na sua obra já citada:

Ao *South Kensington*, ás suas escolas de desenho, aos seus museus ambulantes, se deve o renascimento da arte industrial em um povo destituído de arte propriamente dita. Deve-se-lhe o rejuvenescimento das fórmias e motivos nacionaes, e a exploração estylisada dos typos estrangeiros com que se alimentam todas as industrias artisticas de um modo verdadeiramente admirável. (Martins, 1893: 89)

- 
9. J. de Vasconcelos deu conta ainda de outro aspecto interessante, as exposições nocturnas, tornadas possíveis graças à iluminação a gás: "Começando em 1857 a exposição *nocturna* dos thesouros de Kensington, houve logo no primeiro ano desde 1 de janeiro até 12 de maio 439:997 visitantes; de dia havia 21 horas úteis na semana; á noute apenas 6 horas, sendo comtudo a frequência nocturna 5 vezes maior na proporção das horas". (Vasconcelos, 1879: 8)
10. Noutro passo do mesmo artigo o autor informa ainda que "a frequência da biblioteca do Museu de Kensington é em 1853 de 4.425 pessoas; em 1864 o número dos visitantes tinha subido a 10.635".

#### 4. Influência na Europa

Para os nossos autores é nítido o sucesso do museu de South Kensington. O Marquês de Sousa Holstein, em 1868, no prefácio a um estudo de J. C. Robinson<sup>11</sup> sobre a antiga escola portuguesa de pintura,<sup>12</sup> concluiu:

Aos esforços de mr. Robinson se deve, em grande parte, a realização do pensamento do príncipe Alberto, a criação do importantíssimo estabelecimento de Kensington, que reúne museus de bellas-artes e artes industriais com escolas, cursos, premios, concursos, etc.

A este estabelecimento deve a Inglaterra a preeminencia, que ultimamente tem manifestado nas artes de desenho, a elle deve ter quasi excedido a França nas duas ultimas exposições universais, a ponto que este ultimo paiz pensa já em fundar uma instituição semelhante á que floresce em Inglaterra. (Holstein, 1868: 22)

Dos vários autores que estudámos foi, sem dúvida, Ramalho Ortigão o que dedicou mais linhas à influência do museu de South Kensington na Europa do seu tempo, e que explanou no seu *John Bull*:

O Museu de South Kensington é pela sua historia uma das mais características instituições da Inglaterra, e é pela sua influencia a mais importante escola d'arte que hoje existe no mundo, e sobre a qual se moldaram os grandes institutos modernos de Viena, de Berlim e de outras cidades da Europa. É portanto indispensável dar uma vista de olhos a *Kensington-Museum*. (Ortigão, 1887: 113)

---

11. J. C. Robinson (1824–1913) foi, para alguns, “the most renowned curator of the South Kensington Museum in the 19th century” como se pode ler em <http://www.vam.ac.uk/content/articles/0-9/100-facts-about-the-v-and-a/>. Membro da Academia de Belas Artes de Lisboa, a ele se deve, por exemplo, a edição do *Catalogue of the Special Loan Exhibition of Spanish and Portuguese Ornamental Art* (London, Chapman & Hall, 1881) realizada no *South Kensington Museum* entre 10 de Janeiro e o fim do mês de maio de 1881.

12. O texto de J. C. Robinson nasceu de uma viagem a Portugal realizada em Outubro de 1865 e foi publicado originalmente em *The Fine Arts Quarterly Review* existindo em separata em língua inglesa: *The Early Portuguese School of Painting, With Notes on the Pictures at Viseu and Coimbra Traditionally Ascribed to Gran Vasco, Extracted from the Fine Arts Quarterly Review*, London, 1866. Deste trabalho e do seu autor disse D. Fernando II: “I have always found Mr. Robinson possessed of the highest Art knowledge, and I full agree with him in his account of our early Portuguese Painters, in his interesting pamphlet on the subject”. (*Letter of Application...*, 1869: 9)

Noutra passagem do mesmo artigo, o autor referir-se-ia ao exemplo de Viena que inaugurou uma série de museus similares pela Europa:

Os resultados da instituição de Kensington, manifestos em todas as exposições universaes subsequentes á de 1851 foram de tal modo eloquentes que todos os paizes da Europa se apressaram a tomar analogas medidas para o desenvolvimento da sua industria.

O museu de Vienna,<sup>13</sup> fundado em 1863, tornou-se um modelo tão importante como o museu de Londres. Toda a gente conhece os progressos que tem feito nos últimos annos as artes industriaes na Austria. O *artigo de Vienna* compete em todos os mercados com o *artigo de Paris* e em alguns d'elles o tem submettido e ultrapassado. Quando no parlamento austriaco uma voz da opposição se levantou para fazer cercear o orçamento do museu de Vienna, o governo demonstrou que eram os progressos da industria, provenientes da generalisação do conhecimento do desenho, que tinham restituído ao império os milhões de florins desfalcados pelo *krach* financeiro de 1873. (Ortigão, 1887: 152-153)

Joaquim de Vasconcelos, por seu lado, lembrou que a

Austria começara a imitar em 1863 o exemplo de Inglaterra, fundando em Vienna uma instituição análoga á de Kensington, a qual provou, em 1873, para a Austria o que a de 1862 provára para a Inglaterra (...). A fundação do *Museu austriaco para a Arte e Industria* em 1863 foi o signal para a fundação de estabelecimentos analogos na Allemanha, em Munich, em Dresden, em Leipzig, em Berlim, em Stuttgart, em Carlsruhe e em uma dúzia de outras cidades alemãs. (Vasconcelos, 1879: 9)

Se Fialho de Almeida referiu que “museus análogos foram estabelecidos, em Moscou, Vienna d’Austria, Berlim e S. Petersburgo, ha muito tempo”, (Almeida, 1889: 52) Joaquim de Vasconcelos estamparia algumas palavras lapidares em 1889 quando escreveu que o museu de South Kensington “serviu de modelo a toda a Europa”. (Vasconcelos, 1889: 8)

---

13. Trata-se do *Österreichischen Museums für Kunst und Industrie* (comumente referido como *Österreichisches Museum*), actual MAK, em Viena.

## 5. Portugal e o Museu de South Kensington

José Silvestre Ribeiro afirmou na sua inestimável *Historia dos Estabelecimentos Científicos, Litterarios e Artísticos de Portugal*, que o museu de South Kensington era “um estabelecimento, que é ao mesmo tempo uma escola de desenho, e um museu”. (Ribeiro, 1873: 62) Na verdade, a generalidade das situações relacionando o museu de South Kensington e Portugal no período em causa passaram pelas questões do ensino do desenho e da organização do museu. E o duplo modelo de South Kensington sempre visto, como escreveu também Silvestre Ribeiro, como uma “proveitosa lição, exemplo salutar”. (Ribeiro, 1873: 61)

Da perspectiva do ensino do desenho diria Joaquim de Vasconcelos:

No que diz respeito á organização do *ensino* [em Portugal] pelos modelos estrangeiros, isto é: pelo modelo de *South-Kensington* cabe á iniciativa litteraria ao snr. Silvestre Ribeiro, o qual em 1873 expunha em resumo (...) as ideias de Mr. d’Henriet sobre a escola inglesa. (Vasconcelos, 1879: XIII)<sup>14</sup>

Como o país e os seus governantes tardaram na implantação, razão, tinha, pois, Sousa Holstein para exclamar em 1875 que “Portugal é talvez o único paiz da Europa que não tenha por ora prestado a devida attenção a este tão importante ramo de ensino”. (Holstein, 1875: 43) Descrente, Joaquim de Vasconcelos escreveria três anos mais tarde:

Sabemos *vagamente* que existe o museu de Kensington, e que se ensina alli a *arte aplicada á industria*, isto é: uma cousa que ninguém nunca viu ensinar em academias, uma cousa que, não obstante, revolucionou profundamente o velho mundo, alterando sensivelmente as condições economicas de grandes estados europeus<sup>15</sup> e que está preparada uma revolução ainda maior no novo mundo. (Vasconcelos, 1878: VIII-X)

---

14. As ideias de Ch. d’Henriet encontram-se expressas no artigo “L’enseignement populaire des arts du dessin en Angleterre et en France”. *Revue des deux mondes*, Setembro de 1868: 193-212.

15. Refere a Inglaterra, a França e a Áustria.

Ainda a propósito do desejado progresso do ensino artístico e industrial em Portugal, uma década mais tarde seria a vez de Ramalho Ortigão lamentar:

Em Portugal, onde a dotação das academias de Bellas-Artes de Lisboa e do Porto custa ao Estado menos alguns contos de reis do que o subsidio ao theatro de S. Carlos, os methodos modernos do ensino artistico iniciado pela Inglaterra com a fundação do museu de Londres são conhecidos em todas as suas particularidades pelos excellentes estudos do snr. Joaquim de Vasconcellos, compendiados, emquanto a esta materia, na sua obra intitulada *A reforma do ensino de Bellas- Artes*. Nas regiões officiaes, onde parece que ainda ninguem leu o livro do snr. Joaquim de Vasconcellos, publicado ha oito annos, a profunda reforma pedagogica por que passou na Europa a educação artistica e industrial depois da instituição de South-Kensington não exerceu influencia alguma. A ignorancia e a inercia do governo tem-nos conservado tão alheios ao moderno movimento escolar como se habitassemos a Cafraria. (Ortigão, 1887: 154-155)

No que ao exemplo de museu dizia respeito, Joaquim de Vasconcelos viu no Museu Portuense o “gérmen, a proposta para um *South-Kensington Museum* portuense, um anno apenas depois da fundação do grande estabelecimento de Londres (1851-52)”. (Vasconcelos, 1889: 8)<sup>16</sup> Mas, apesar deste aparente pioneirismo, demorou a sua concretização. Duas décadas passadas, na proposta de lei n.º 65-A de 17 de Março de 1876 apresentada ao Parlamento português e que visava assentar as bases das providências que o Governo julgava necessárias para se organizar o “ensino oficial das artes” (*Diario...*, 1879: 688) ou, por outras palavras, “a educação artistica dos nossos operarios”, (*Diario...*, 1879: 688) o legislador, depois de reconhecer que “tudo temos a crear”, (*Diario...*, 1879: 688) mencionou como exemplo a seguir o “admirável museu de Kensington”. (*Diario...*, 1879: 688) Posteriormente, no *Regulamento Geral das Escolas Industriais e Escolas de Desenho Industrial*, de 6 de Maio de 1884, (*Diario...*, 1884: 127 e seguintes) assinado por António Augusto de Aguiar,

---

16. O Museu Portuense foi estabelecido no Porto em 1852 sendo o “seu fim (...) tornar-se um estabelecimento verdadeiramente civilizador: seu objeto será por tanto encyclopedico”. (José Silvestre Ribeiro *apud* Ramos, 1993: 34)

Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria, determinava que as escolas industriais “combinadamente com os museus industriaes e commerciaes” (*Diario...*, 1884: 127) “têm por fim lançar os primeiros lineamentos de uma instituição análoga (...) ao museu inglez de South Kensington”. (*Diario...*, 1884: 127) No Capítulo V, Art. 33.º, § único falava-se mesmo do museu ambulante que, como se viu, tanto fascinou os nossos autores:

D’estas collecções se destacará o *museu ambulante*, que á similhaça do que sucede em Inglaterra, percorrerá as escolas industriaes, as cadeiras ou escolas de desenho, suffraganeas do museu, bem como as localidades e centros industriaes que parecer oportuno. (*Diario...*, 1884: 130)

Para terminar, três curtos excertos de outros tantos escritores, já anteriormente citados, mas cujos conteúdos contrastam, em gradação diversa, diga-se, com o tom encomiástico das referências ao museu de South Kensington que ficaram para trás. São eles Fialho de Almeida, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins.

Em Agosto de 1889, no primeiro fascículo de *Os Gatos*, Fialho de Almeida, panfletário por temperamento, senhor de uma crítica impiedosa aos seus contemporâneos,<sup>17</sup> escreveu:

Ha setenta anos [sic] que o *South-Kensington-Museum*, de Londres, secretamente mantem entre nós agentes seus, com ordem de vindimarem o paiz de todos os objectos d’arte que appareçam. E esses homens, que de Portugal teem carregado para aquella especie de formidável ministerio d’artes e sciencias, pelo menos um decimo das preciosidades que elle encerra, esses

---

17. Assim aconteceu também com os patrimonialistas portugueses de Oitocentos. Fialho escreveu no mesmo número um de *Os Gatos*:

O governo de certo tem commissarios esportulados para a fiscalisação dos edificios que lhe pertencem. Que diabo faz a chamada *Commissão dos Monumentos*? A chamada *Academia das Bellas-Artes*? A *Sociedade promotora das ditas*? A dos *Archeologos*? A dos *Architectos*? E a mirabolante *Commissãoardistica da Camara Municipal*? (...)  
Naturalmente os das Bellas-Artes fazem costas, em quanto os dos Monumentos fazem habilidades; e os da Archeologia fazem escovinhas, emquanto os da Camara Municipal fazem concursos de pintura historica. Sucia de mostrengos, acephalos e inermes, cuja indifferença criminosa infunde uma tristissima ideia da austeridade civica, individual ou collectiva, dos funcionarios do nosso paiz!. (Almeida, 1889: 64-65)

homens conhecem, como profissionais, ponto por ponto a historia das peças que ainda restam, pertencentes ao Estado ou pertencentes a particulares, o seu valor, os seus detalhes, as suas imperfeições, as suas magnificencias, os seus estragos; e implacavelmente, como famintos lobos, eil-os espiam as necessidades de dinheiro dos proprietarios, até chegar o dia em que a venda forçada lhes lance nas mãos algumas d'aquellas joias, divinas e puras, que elles enamoram.

De roda aos agentes do *South-Kensington* ponham-se os espertalhões que vem explorar por conta dos grandes bazares da Europa... francezes que compram para os judeus milionarios de Paris... americanos enviados de Nova-York e S. Francisco, por conta dos vendedores de cortumes, enriquecidos, e dos negociantes de toicinho monomaniacos de *bibelotage*... (Almeida, 1889: 16-17)

Ramalho Ortigão, por seu lado, lamentar-se-ia dos “mercadores” do museu de South Kensington:

Com mercadores d'este pulso é difficil competir. De modo que o museu de Londres tem adquirido em poucos annos a maior parte de quantas preciosidades artisticas se teem posto em praça no mundo. Diz-se, e com razão, que se um cataclysmo destruísse hoje todos os museus do continente europeu, só pelas collecções proprias ou de emprestimo no South Kensington se poderia reconstituir toda a historia da arte antiga e moderna. (Ortigão, 1887: 118)

Oliveira Martins, mais moderado ainda, lembraria uma sua visita ao museu de South Kensington:

Vi lá uma collecção dos artefactos provinciaes portuguezes tão completa, como a não ha de certo em Portugal, em nenhum dos museus industriaes de Lisboa, ou do Porto. (Martins, 1893: 89)

## Conclusão

Através do estudo dos textos que recolhemos, da admirável prosa de Ramalho Ortigão aos relatórios assertivos de Joaquim de Vasconcelos, da pormenorizada descrição das colecções de Ricardo

Guimarães à diatribe de Fialho de Almeida, percebe-se que os autores portugueses em causa demonstraram grande interesse pelos alvos do museu de South Kensington.

Assim, pelo que fica dito nas páginas anteriores, podemos concluir que essa admiração assentou em quatro vectores fundamentais: em primeiro lugar, na expedita decisão que levou à sua criação em consequência do malogro de algumas indústrias britânicas na Exposição Universal de Londres de 1851; em segundo lugar, na sua dupla dimensão de escola e museu; em terceiro, na variedade e riqueza das suas colecções bem como no carácter de certas actividades tal foi o caso do museu ambulante e, finalmente, por ter servido como modelo para outros países da Europa, entre os quais Portugal.

### Obras Citadas

- Almeida, Fialho de. *Os Gatos. Publicação Mensal d'Inquerito á Vida Portuguesa*. Porto: Casa Editora Alcino Aranha & C<sup>a</sup>, n.º 1, Agosto de 1889.
- Benalcanfôr, Visconde de. *Vienna e a Exposição*. Lisboa: Lallemand Frères 1874.
- *De Lisboa ao Cairo. Scenas de Viagem*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1876.
- Benevides, Francisco da Fonseca. *Catalogo Descritivo do Museu Tecnológico do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa, Máquinas a Vapor e Máquinas de Gaz*. Lisboa: Typ. de Castro e Irmão, 1872.
- *Relatorio sobre Alguns Estabelecimentos de Instrução e Escolas de Desenho Industrial em Italia, Allemanha e França na Exposição de Turim de 1884*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1884.
- Cabral, A. B. da Costa. *Apontamentos Historicos. I*, Lisboa: Typographia de Silva, 1844.
- Custódio, Jorge et al. *Museologia e Arqueologia Industrial. Estudos e Projectos*. Lisboa: APAI, 1991.
- Descripção da Exposição Universal em Londres*. Lisboa: Typ. Da Empreza da Lei, 1851.
- Diario da Camara dos Senhores Deputados*, 1879-1884.
- Guimarães, Avelino da Silva. "Subsidios para a Historia das Industrias Vimaranenses". *Revista de Guimarães*, 9 (1) Jan.-Mar., 1892.
- Guimarães, Ricardo. *Impressões de Viagem. Cadiz, Gibraltar, Pariz e Londres*. Porto: Viuva Moré – Editora, 1869.
- Holstein, Marquês de Sousa. *Observações Sobre o Actual Estado do Ensino das Artes em Portugal, a Organização dos Museus e o Serviço de Monumentos Historicos e da Archeologia*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1875.

- "Prefácio". *A Antiga Escola Portuguesa de Pintura. Estudo Sobre os Quadros Atribuídos a Grão Vasco por J. C. Robinson*. Lisboa: Sociedade Promotora das Bellas Artes, 1868.
- James, Elizabeth (comp.) *The Victoria and Albert Museum; a Bibliography and Exhibition Chronology, 1852-1996*. London: Routledge, 1998.
- Kriegel, Lara. *Grand Designs: Labor, Empire, and the Museum in Victorian Culture*. Durham/London: Duke University Press, 2007.
- Leandro, Sandra. *Joaquim de Vasconcelos: Historiador, Crítico de Arte e Museólogo. Uma Ópera*. Lisboa: INCM, 2014.
- Letter of Application of J. C. Robinson for the Office of Slade Professor of Art in the University of Oxford, and Testimonials in his Favour*. London: Whittingham and Wilkins, at the Chiswick Press, 1869.
- Martins, Oliveira. *A Inglaterra de Hoje (Cartas de um Viajante)*. Lisboa: Livraria de António Maria Pereira – Editor, 1893.
- Ortigão, Ramalho, John Bull. *Depoimento de uma Testemunha Acerca de Alguns Aspectos da Vida e da Civilização Inglesa*. Porto: Luga & Genelioux, 1887.
- "A Reforma do Ensino do Desenho". *Diário da Manhã*, 27 de Janeiro de 1880.
- Osborn, Elodie Courter. *Manual of Travelling Exhibitions*. Paris: UNESCO, 1953.
- Ramos, Paulo Oliveira. "Breve História do Museu em Portugal". *Iniciação à Museologia*. Org. Maria Beatriz Rocha-Trindade. Lisboa: Universidade Aberta, 1993.
- Ribeiro, José Silvestre. *Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artísticos de Portugal*. Tomo III. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias, 1873.
- Sousa, Jacinto António de. *Relatorio da Visita aos Estabelecimentos Scientificos de Madrid, Paris, Bruxellas, Londres, Greenwich e Kew*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1862.
- Third Report of the Department of Science and Art*. London: George E. Ryre and William Spottiswoode, 1856.
- Vasconcelos, Joaquim de. *A Reforma do Ensino de Bellas-Artes II*. Porto: Imprensa Litterario-Commercial, 1878.
- *A Reforma do Ensino das Bellas-Artes III: Reforma do Ensino do Desenho Seguida de um Plano Geral de Organização das Escolas e Collecções do Ensino Artístico com os Respectivos Orçamentos*. Porto: Imprensa Internacional, 1879.
- *O Museu Municipal do Porto. O Seu Estado Presente e o Seu Futuro. Relatorio Apresentado ao Ill.<sup>mo</sup> e Exc.<sup>mo</sup> Snr. Luiz Ignacio Woodhouse Presidente da Commissão Encarregada de Estudar a Reorganização do Museu pela Sub-Commissão, Encarregada das Secções de Bellas-Artes, Archeologia e Numismatica*. Porto: Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1889.